

## **Resumo:**

### **Nos Caminhos do Vento: uma visão poética da migração**

Maria Julia Pascali (UFG/UNICAMP)

*“In Lake’ch - Eu sou um outro você”*

Na busca pelo *estado de presença* o artista se coloca em migração constante. Guiado por imaginação e intuição, coloca seu ser em movimento, condensando camadas sutis de vibração em obras e atos expressivos. Este trabalho procura, a título de testemunho, apresentar trajetórias que apresentem um sentido poético, criativo e aberto de migração, incorporando a migração da imaginação para a realidade (*insight* – obra), a migração entre saberes (ocidental/indígena, indígena/oriental, oriental/ocidental), a migração para o próximo (São Paulo/Goiás, Belém/Ilha do Combu, Goiânia/Pirenópolis), a migração para o outro ( universidade/comunidades) e a *inner* migração. Contemporaneamente, a arte se apresenta como forma de conhecimento e campo de experimentação para uma humanidade mais criativa e solidária onde o diverso e o uno são facetas indissociáveis de uma ampla dimensão de vida.

### **Nos Caminhos do Vento: uma visão poética da migração**

Maria Julia Pascali (UFG/UNICAMP)

*“In Lake’ch - Eu sou um outro você”*

Na busca pelo *estado de presença* o artista se coloca em migração constante. Guiado por imaginação e intuição, coloca seu ser em movimento, condensando camadas sutis de vibração em obras e atos expressivos. Este trabalho procura, a título de testemunho, apresentar trajetórias que apresentem um sentido poético, criativo e aberto de migração, incorporando a migração da imaginação para a realidade (*insight* – obra), a migração entre saberes

(ocidental/indígena, indígena/oriental, oriental/ocidental), a migração para o próximo (São Paulo/Goiás, Belém/Ilha do Combu, Goiânia/Pirenópolis), a migração para o outro ( universidade/comunidades) e a *inner* migração. Contemporaneamente, a arte se apresenta como forma de conhecimento e campo de experimentação para uma humanidade mais criativa e solidária onde o diverso e o uno são facetas indissociáveis de uma ampla dimensão de vida.

## **Migrar é conhecer o outro em você**

Vamos esclarecer como ponto de partida que estaremos tratando o conceito de migração através de testemunhos , com criatividade e inventividade, abordando um veio poético, aberto de seu sentido, encarando como representante de uma vontade maior , mais geral, mesmo que realizada, aparentemente, ao nível de um indivíduo.

“...não somos o branco (ainda que o ideal europeu predomine em nossa formação de povo colonizado), nem o negro (embora grande parte de nossa herança cultural advenha da escravidão africana), nem o índio (conquanto muitas das feições e tradições brasileiras não deixem dúvida quanto à origem indígena). Somos o resultado de uma história complexa, mediante a qual esses três elementos provocaram choques e interrelações culturais encontrando-se e desencontrando-se de muitas maneiras.” ( pg. 14)

Percebendo que historicamente havia um vazio em minha noção de identidade, percebendo que grande parte do que eu sentia e percebia no mundo estava abafado por uma cultura dominante, fui procurar me reconhecer enquanto brasileira que contemplava traços culturais e maneiras de abordar e expressar o mundo que iam além da valorizada cultura ítalo-europeia a que estava sendo torneada. Como historiadora e estudiosa de antropologia, minhas experiências no mundo criativo do teatro eram banhadas a pesquisa e engajamento. Assim logo percebi que estava agindo de uma maneira que não me pertencia, mas que vinha sendo introjetada, como na situação de típica de dominação. Cedo minha consciência por justiça e igualdade e liberdade me levaram a ir de encontro ao diferente, a outra classe social, a bairros de periferia, a associações populares, a cárceres e favelas.

Fruto de um *insight* e da necessidade de responder à busca do estado de presença e responsabilidade social para com a arte de interpretar, me dirigi, em 1985 ao mundo indígena brasileiro, cruzando o país como num ritual de passagem, vinda de Sp em direção à Rondônia, através da Bahia e do Centro-oeste. Fui procurar incluir outras identidades que o poder instituído e seus mecanismos de reprodução faziam questão de ignorar e abafar.

Assim num ato inaugural de minha nova história fui ao encontro do diferente numa busca profunda do que havia de comum. Sem compreender a língua , distante do mundo conhecido, me encontrei diante da espécie humana e sua possibilidade de comunicação profunda, não só com seus parente humanos, mas com as profundezas da terra, a imensidão do céus e precipícios e a ingenuidade dos animais. Entrei num campo de estranhamento para me perceber mais existente. Tudo era diferente e tudo me dizia mais de mim, me acrescia em termos da consciência de minha origem enquanto espécie, numa comunicação elementar e básica..

"Assim como o mais ardoroso falar de um para o outro não constitui uma conversação (isto é mostrado claramente naquele esporte estranho, denominado com justiça de discussão, de fragmentação, praticado por pessoas razoavelmente dotadas de intelecto), assim, por sua vez, uma conversação não necessita de som algum, nem sequer de um gesto. A linguagem pode renunciar a toda mediação de sentidos e ainda assim é linguagem." (Buber, Martin - Do diálogo e do dialógico. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 35)

“Destá forma, estudar o índio não é apenas procurar conhecer o outro, o ‘diferente’, mas implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade que vivemos.” Pg. 121

“É aqui que encontramos a justificativa histórica e ideológica de nossa relação excludente com os povos indígenas, bem como de nossa cordial interdição a aceitá-los enquanto esse outro que nos lembra que não somos europeus.’ PG.121

“Tempo e espaço: esses são os eixos que comandam a existência humana. Referências ao tempo e ao espaço encontram-se registradas em todas as manifestações humanas: seja na religião ou na arte; seja no dia a dia e nas comunicações. E nesse sentido podemos dizer que é experimentando soluções para os enigmas do tempo e do espaço que o homem produz ciência, filosofia e história; além de todo aparato indispensável à sua sobrevivência.” ( pg. 41)

“Desde sempre, os grupos humanos vêm fazendo experimentos dos quais têm resultado novas espécies, melhoramentos genéticos, novas composições de solo, descoberta de propriedades medicinais, etc. Algumas vezes, o conhecimento resultante dessas ações sobre a natureza chegou sistematizado até nós. Outras vezes, não. Seja porque os registros se perderam; seja porque a transmissão desses saberes deu-se exclusivamente por via oral no âmbito das sociedades que os produziram; ficando, portanto, inacessível para nós. “ pg 40

“...a intermediação entre as sociedades indígenas e o mundo se dá na e pela verdade do mito...

O padrão de verdade histórica, assim como o de fundamentação filosófica, científica, ética e religiosa, as sociedades indígenas de tradição oral, encontram no mito o seu documento matriz.” Pg 12/13

Como fato da sincronicidade e traço ocidental típico, ao circular pela rodoviária de Brasília comprei um livro e na **aldeia Nambikwara** eu passei estudar o **Zen-budismo**. E vi, maravilhada o esclarecimento empírico da vida preconizada pelos orientais , vivida em cada minuto pelos aldeados, o mesmo estado de presença cultivado pelo zen-budismo.

“Entre as hipóteses da origem do homem americano, a mais abrangente sustenta que o povoamento das Américas ter-se-ia dado por uma origem óctupla composta de tasmanianos, australóides, melanesóides (através do Pacífico), proto-indonésios, mongolóides, esquimós (estes dois vindos da Ásia, especialmente Sibéria, pelo estreito de Bering), caucasóides, indonésios e polinésios. Hoje, duas hipóteses são as mais aceitas e uma não exclui a outra: a primeira considera que eles teriam vindo a pé da Ásia, através do estreito de Bering, uma ponte terrestre que existiu entre a Sibéria e o Alasca. Essas migrações, porque acredita-se que tenha havido mais de uma leva migratória, teriam ocorrido há cerca de 40.000 anos AC. A outra estabelece que ocorreu uma onda migratória de povos australóides que, vindos de barco mediante um sistema de cabotagem, teriam chegado à América Central, penetrando no Brasil e indo localizar-se , finalmente, na região de Lagoa Santa-MG.”

Migração Julia – aldeias: estado de presença e comunhão cósmica

Japão/China – procurar o treino do estado de presença, base da vida, arte e estética orientais

Brasil – mestre Noburo Yoshida – japonês canto NÔ + shimai

Brasil – 17 anos depois encontro com japonês performer buscando não o tradicional , mas o que há de pessoal no amador da arte

Procurar os buraquinhos do vento no nosso corpo e fazer-los casar com a percepção do canto que cura é uma proposta que pode ser considerada como um provisório ponto final (como são todos os pontos finais de um trabalho que se percebe como processo, em mutação e comunhão constantes) de um longo período de migração.

1. Esta abordagem corporal surgiu com Haruchika Noguchi (1984, Tokyo) nos idos de 1950 (e hoje é chamada de *seitai sohô* e *katsugen undô*) que teve como discípulo Toshi Tanaka que imigrou para o Brasil há cinco anos e difunde estes conhecimentos associando-os à sua experiência como performer e como amador da arte do Teatro Nô (*Shimai* e *Butai*) , unindo arte e cura, saúde e expressão.
2. Procurei Toshi Tanaka através de indicações de Ingrid Koudela, professora da USP, que participou da banca do meu concurso de ingresso para a UFG e que, valorizando minhas pesquisas e me incentivou a fazer doutorado, orientando-me na elaboração de projeto.

Surpreendendo as expectativas ingressei no doutorado da UNICAMP, quando conheci Ciça Ohno, pesquisadora e performer, casada com Toshi Tanaka. .

3. Hoje, depois de alguns encontros e pesquisa em conjunto, buscamos desenvolver um trabalho baseado num texto de Teatro Nô, *Yama-uba*, , “provavelmente escrita por um monge budista para propagar o ensinamento do Zen.” ( SUZIKI, Daisetz Teitaro – “Zen and Japanese Culture” Charles C. Tuttle Company, Tokyo, 1990, 2 edição) com o espírito do amador do teatro nô tradicional, àquele ao qual se permite pesquisar, unindo o conceito básico do *Butô*, onde cada corpo tem uma porta com a natureza, cada um cria a sua própria expressão e caminho e aplicando o *Dohô* como equilíbrio entre as duas partes (palavras de Toshi captadas por mim em encontro pessoal no dia 1 de agosto de 2005, domingo).
4. Estou na UFG em Goiânia porque moro em Pirenópolis, cidade histórica de Goiás, há 11 anos, vinda de Brasília, onde lecionei na UNB, vinda do Pará onde morei na Ilha do Combu e num barco-teatro, próximo a Belém, e onde promovia diversas migrações:
  - a. a união de comunidades ribeirinhas diversas,
  - b. o encontro entre acadêmicos e pesquisadores da UFPA (onde lecionava e coordenava um projeto de pesquisa sobre Originalidade e Expressão Oral) com a realidade e moradores das ilhas ribeirinhas,
  - c. o encontro entre artistas da cidade e de outros estados com os artistas populares do outro lado do rio,
  - d. entre professores e alunos do interior do Pará e saberes e populações indígenas vizinhas,
  - e. entre jovens e crianças e guardiões da cultural local,
  - f. entre Educação Artística, Educação Física e Estudos Sociais, etc.
  - g. entre Poesia e Teatro. Etc
  - h.

Texto Suzuki – A Amor

Migração dos saberes

Migração dos planos de densidade energética ( imaginação – realidade, planos sutis matéria densa

O diverso o uno

A resistência é vida, sem resistência há morte –comunhão total

Migração potencializa este sentido de auto-conhecimento e de imersão no mundo

A arte é o caminho contemporâneo de experimentação da humanidade – criando oportunidades e eventos, mostrando a necessidade de se estender a via, o veio criativo e solidário para cada minuto ação no tempo/espaço do planeta /cosmos

Dimensão cósmica

De holon – onde a imaginação tem poder de transformação e seu serviço,

A auxilia na execução